



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DO IMPRESSO AO ELETRÔNICO: A PRESENÇA DA HIPERTEXTUALIDADE EM TEXTOS IMPRESSOS E VIRTUAIS

OLIVEIRA, Fernanda Karyne de¹; SOUSA, Amasile Coelho Lisboa da Costa ²

Universidade Estadual da Paraíba¹
fernandakoliveira@gmail.com¹
Universidade Estadual da Paraíba²
amasilesousa@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem o objetivo de observar as marcas de hipertextualidade no texto impresso e no texto eletrônico. Para tanto, a metodologia utilizada neste artigo entrelaça a análise e a revisão teórica com objetivo de analisar e interpretar o objeto estudado. O que se percebe além da complexidade e importância do hipertexto, é que, além da hipertextualidade está presente em ambos os textos, não se deve considerar a leitura de hipertextos digitais melhor do que a leitura de textos impressos, mas sim, encarar isto como uma evolução nas alternativas de ler e escrever que a contemporaneidade vem oferecendo. Desta maneira, as práticas de letramento são ampliadas, à medida que os gêneros vão sendo inventados e reinventados, a leitura e a escrita vão se metamorfoseando, mostrando assim que ao surgirem novos dispositivos e suportes, os modos de ler seguem configurando-se e readaptando-se a esses novos contextos de funcionamento da língua. As contribuições teóricas utilizadas foram CHARTIER (2002), COSTA (2006), COSCARELLI (2009), CUSTÓDIO (2013), LIMA; GRANDE (2013), KOMESU (2005), MANOVICH (2002), ROJO (2013), ROJO; BARBOSA (2015), SANTAELLA (2007), XAVIER (2004), dentre outros.

Palavras- Chave: Leitura. Hipertexto. Texto impresso. Texto Eletrônico.

INTRODUÇÃO

As mudanças sociais e tecnológicas das últimas décadas são decorrentes de um processo histórico marcado, sobretudo, pela complexidade, graças ao advento da internet, do computador pessoal e da *web 2.0*, apontam para transformações do que é



aprender, saber e fazer coisas na contemporaneidade. Lima; Grande (*apud* ROJO, 2013). Tais transformações afetaram também questões relacionadas à leitura.

As novas formas de ler e escrever hoje são acompanhadas das novas formas de ver e entender o mundo, de novas práticas e de letramentos exercidos no ciberespaço e por ele possibilitados. Knobel; Lankshear (*apud* ROJO, 2013). Desta maneira, dizemos que as tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC's) constituíram novas de formas de ler e escrever utilizando interfaces novas como o teclado e monitor, os navegadores específicos para leitura, os editores de textos, dentre outros, que nos apresentaram outras formas de construção de sentido.

Nesse novo cenário propiciado pela internet e pelo advento da *web 2.0* denominado de *ciberespaço*, leitores e escritores deparam-se com conceitos novos, léxico e discursividade novas, nova linguagem, nova escrita e formas de conversação, e, sobretudo, um novo estilo de ler. Nesse contexto surge uma nova forma de enunciação discursiva (PINHEIRO, 2005) denominado hipertexto.

Este paradigma marcado pela não linearidade, pela ausência hierárquica, pela multiplicidade é objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Neste estudo enveredar-se-á pela perspectiva dos estudos linguísticos, sobretudo, questões relacionadas à textualidade.

Objetiva-se, portanto, neste artigo a observância das marcas de hipertextualidade no texto impresso e no texto eletrônico, desta maneira, as contribuições teóricas utilizadas para tal observação serão, CHARTIER (2002), COSTA (2006), COSCARELLI (2009), CUSTÓDIO (2013), LIMA; GRANDE (2013), KOMESU (2005), MANOVICH (2002), ROJO (2013), ROJO; BARBOSA (2015), SANTAELLA (2007), XAVIER (2004), dentre outros.

METODOLOGIA



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O método escolhido para a investigação foi o método analítico. Ao utilizar este procedimento estará se analisando como as marcas de hipertextualidade são apresentadas no texto impresso e no texto virtual, com vista a explicitar estas marcas.

O texto impresso escolhido para a análise foi o texto de Narjara Ferrari Pinheiro com o título *“Para além da escola: o blog como ferramenta de ensino aprendizagem”*. O texto faz parte do livro *“Múltiplas linguagens para o ensino médio”* compilação de artigos que tratam sobre a introdução das TDIC’s na sala de aula. O livro foi organizado por Clécio Bunzen e Márcia Mendonça sendo publicado em 2013 pela editora parábola do estado de São Paulo- SP. O texto virtual escolhido para a análise será o blog *Conversa de Português*. Tal escolha deveu-se ao fato de ambos os textos dialogarem com relação à temática.

Além da análise, a revisão teórica faz-se necessária, haja vista que ela permitirá construir interpretações, significados através da análise dos dados (CUSTÓDIO, 2013), possibilitando assim o aprofundamento do tema da pesquisa pelo pesquisador, estando em constante confronto e diálogo com a análise dos dados (CUSTÓDIO, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Novas tecnologias, novos rumos: um mundo prefixal

O mundo mudou isto é inegável. Não se podem atribuir todas estas mudanças às tecnologias digitais da informação e da comunicação (doravante, TDIC’s), mas também não se podem negar as contribuições significativas delas para esta mudança. “Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens”. (ROJO, 2015 p.116)

Nesta lógica, vive-se em um mundo marcado por prefixos: “e”, “ciber”, “meta,” pluri”, “multi” e “hiper”, entre outros. Em meio a isto, surgem novos



conceitos, novas formas de pensar e ver o mundo, tentando explicar este período vivenciado atualmente.

Nesta tentativa, Rojo (2015) em seu livro *Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos* problematiza o conceito de *hipermodernidade* postulado por Lipovetsky (2004) e Charles (2009). Para ela “no contexto da hipermodernidade, o prefixo se desloca, se recoloca ou se instala em outros contextos: hipercomplexidade, hiperconsumismo, hiperindividualismo (além de hipertexto, hipermídia, dentre outros)”. (ROJO, 2015 p. 118)

Nesta radicalização da modernidade, a autora chama a atenção dizendo que são nestas situações tênues, marcadas por colocações e recolocações que configuram-se as “identidades contemporâneas – sustentadas por novas e (frágeis) formas de identificações”. (ROJO, 2015 p. 119), tais configurações são amparadas, justamente, por este “cenário propício” fornecido pelas novas tecnologias.

Continuando esta louvável tentativa, Santaella (*apud* LIMA: GRANDE, 2013) caracteriza o período cultural vivido como um período de *hipercomplexidade midiática*. Para ela, nesse período, seis lógicas culturais sequenciadas historicamente e diferentes, mesclam-se e interconectam-se de modo a serem indissolúveis. As lógicas culturais que vigorariam seriam: a cultural oral, escrita, impressa, de massas, de mídias e a *cibercultura*.

A *cibercultura*, cultura em foco no período, tem a possibilidade de agregar todas as culturas mencionadas em si. Desta forma, surgem outros conceitos vinculados a esta nova cultura, como a *hipermídia*, junção de multimídia com o hipertexto, sem falar que ainda é possível nesta lógica falar-se em “*metamídia*”, capacidade de agregar e combinar todo o tipo de mídia digital.

Esta integração de semioses (multisemiose, ou ainda multimodalidade), este novo dispositivo chamado hipertexto, este espaço interativo, a polifonia presente nos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

discursos que estão dispersos (ou sistematizados) no universo ciberespacial, desenham novas práticas de letramento, de construção de valores e comportamentos sociais.

As TDIC's potencializaram os processos descritos, sobretudo, com a emergência da *web 2.0*, já que a *web 1.0* fornecia apenas uma informação unidirecional, restringindo-se apenas a processar e armazenar informações, diferentemente da *web 2.0* que “mudou o fluxo de comunicação, e em tese acaba com cisão de produtores/leitores possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis, o que Rojo (2013) denomina *lautor*” (ROJO, 2015 p. 119).

Na breve reflexão aqui colocada vê-se que muitos são os conceitos a serem explorados, principalmente o do hipertexto – objeto de estudo maior das reflexões aqui colocadas, que será explicitado mais a frente - que demandam reflexão e um olhar cuidadoso. para tanto, percebe-se que não há explicações prontas acerca deste novo tempo instaurado, nem tão pouco caracterizações que levam a pensamentos unívocos, tendendo sempre a interpretações marcadas pela plurissignificação dos próprios pensamentos e conceitos formulados.

O certo mesmo é que esta sociedade demanda de práticas baseadas, sobretudo na escrita colaborativa, mobilizando assim uma inteligência coletiva em que o sujeito participa ativamente deste novo e vasto mundo, como bem disse Drummond em suas poesias.

Hipertexto: Historicizando e conceituando

As primeiras ideias acerca do conceito de hipertexto começaram a ser pensadas pelo cientista Vannevar Bush, no ano de 1945. Ele propôs um dispositivo de gerenciamento chamado de *memex* capaz de criar ligações entre uma informação e outra, independentemente de ordem hierárquica. Era um reservatório de documentos que abarcava ao mesmo tempo textos escritos, sons e imagens. Nesta época não se podia dizer que o dispositivo funcionava de forma hipertextual, mas tinha como modelo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

as associações capazes de serem feitas pela mente humana, já que segundo Bush nosso cérebro funcionava pelo sistema de associação.

Considera-se este dispositivo criado por Bush como o protótipo do hipertexto, já que o termo hipertexto propriamente dito surge nos anos 1960 com o pesquisador norte-americano Theodor Holm Nelson, em que o prefixo *hiper* “expressa generalidade, extensão, como no hiperespaço matemático” (COSTA, 2006 p.39) para designar sistemas textuais deslinearizados, ou seja, escritas eletrônicas não padronizadas. Nelson foi coordenador juntamente com outro pesquisador do projeto Xanadu, primeiro sistema hipertextual colocado em prática funcionando em uma universidade norte-americana (KOMESU, 2005). Em 1970 publicou uma obra que dava orientações para leitura e produção de textos hipertextuais.

Criado na e pela informática, o hipertexto possui uma textualidade virtual, cujo espaço é outro, por isso vai além do texto tradicional. Para alguns é considerada a materialização da pós-modernidade, um novo modo de enunciação digital e de construção de sentido (XAVIER, 2004).

Após o breve passeio aos primórdios do hipertexto, convém que este seja conceituado e caracterizado segundo a perspectiva teórica adotada para esta reflexão (linguística textual). Xavier (2004, p. 171) concebe o hipertexto como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas de outra textualidade”. Desta maneira, diz-se que o hipertexto pode ser caracterizado devido ao acesso a informação não linear, proporcionando tanto a interatividade entre textos, como leitor/usuário.

Muitas são as características do hipertexto, destacando a intertextualidade (diálogo através dos *links*), não linearidade (ausência de foco dominante na leitura), volatilidade (essencialmente virtual), fragmentaridade (brevidade nas escolhas retornos/fugas) espacialidade



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

topográfica (limites indefinidos) iteratividade (entrelaçamento de linguagem verbal e não verbal), que nos levam a repensar seu funcionamento e complexidade.

Leitura e Escrita no contexto da hipertextualidade: dissolvendo fronteiras, estreitando laços

Leitura e escrita embora não sejam atividades dissociadas sempre tiveram fronteiras bem definidas quanto a seus universos de atuação. Frente à instauração deste novo paradigma, vê-se que as fronteiras entre leitor e escritor foram dissolvidas e os laços foram estreitados, pois o leitor-navegador também é produtor, agora assume uma postura ativa e não passiva, escolhe seus itinerantes de navegação e escreve também naquilo que lê, formando o que Roxane Rojo nomeou celebrenemente de lautor (ROJO, 2013).

Sobre este universo criado pela revolução na textualidade digital, Chartier (2002, p.24) diz que “é ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita”. Neste marco revolucionário que entrelaça a leitura e a escrita, Xavier (2004) caracteriza a leitura do hipertexto como uma “leitura self-service”, haja vista que o leitor se serve à vontade do que vai ler, escolhendo aprofundar-se ou não.

O hipertexto emancipa o leitor, de forma, que este escolhe por onde “caminhar”, os caminhos que deve seguir (através dos *links*) neste, que pode ser chamado de um labirinto virtual, até chegar ao seu destino, que depende dos seus objetivos quanto à leitura realizada.

Nesse contexto, Também se mudou o papel do autor. Os leitores, muitas vezes, tornam-se co-autores das produções colocadas na *Internet*. Dessa maneira, textos compartilhados na rede, quando colocados na *Web 2.0*, podem ser modificados pelas pessoas que estão lendo, completando ideias já existentes, ou ampliando as discussões, como por exemplo, sites de pesquisa escritos colaborativamente como a *Wikipédia*,

possibilitando novas leituras, além de novos escritos. Desta forma, ocorre a dessacralização do autor, pois qualquer pessoa, dotada ou não de prestígio científico e intelectual, pode publicar na internet, e questões como direitos autorais são colocadas em segundo plano.

Desatando os nós: observando as marcas de hipertextualidade no texto impresso e no texto eletrônico

Após a problemática instaurada serão tomados para análise os textos mencionados para que sejam explicitados os traços hipertextuais. A figura a seguir compõe também o material da pesquisa:

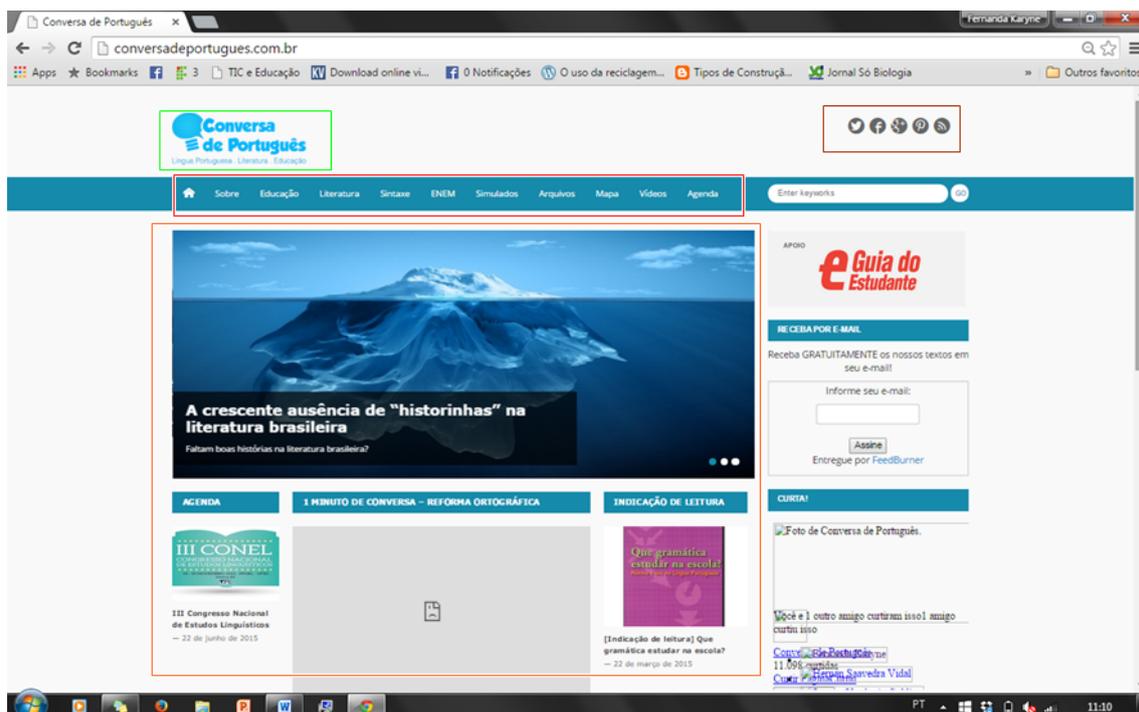


Figura1: Conversa de Português. Fonte: <http://www.conversadeportugues.com.br>
Acesso em: 06/07/2015 (os destaques em cores são nossos)

Os destaques em cores diferentes versam sobre alguns dos elementos mais comuns que compõem o hipertexto:



(Vermelho) – **Navegação principal ou navegação global**, nesta barra encontram-se os *links* considerados relacionados aos assuntos que o site vai tratar, nesta barra a subnavegação também estará implícita, pois cada link dá acesso a outro leque de links relacionados ao assunto.

(Laranja) – **Conteúdo**- Referem-se ao conteúdo do blog, textos mais importantes para serem acessados.

(Verde) **Título da página** – Nome do blog e subtítulo.

(Marrom) – **Ícones especiais** – ícones que remetem ao diálogo com outras redes sociais.

Merece destaque a questão levantada por Komesu (*apud* ARAÚJO; RODRIGUES p. 95) que justifica ainda mais a infinidade quanto a limites e informações do hipertexto digital “consideremos que cada um dos links tem um URL. Ao acessar o hipertexto (um outro *blog*, por exemplo), o leitor irá se deparar com outra gigantesca lista de *links* (consequentemente, com outros textos escritos, imagens e sons) e assim sucessivamente”, demonstrando assim o grande oceano de informações disponível na web que nosso “lautor” (ROJO,2013) pode navegar.

Segue a descrição do blog encontrada no próprio texto virtual:

foi criado para ser um instrumento extra-classe no ensino de Língua Portuguesa, mas isto não restringe o acesso apenas a estudantes [...] o blog tornou-se também um espaço virtual para o debate sobre Educação, o que aconteceu por meio de entrevistas realizadas com outros profissionais da área e comentários deixados pelos leitores. Disponível em <http://conversadeportugues.com.br/sobre/>. Acesso em 06/07/2015

O blog está presente em outras diversas redes sociais (as redes são as que são analisadas pelos links), além disso, nas outras redes também são encontradas outras sugestões de leitura que não estão postas no blog, além disso, ganhou alguns prêmios. Sem falar que há também na interface, *banners* interativos que divulgam propagandas

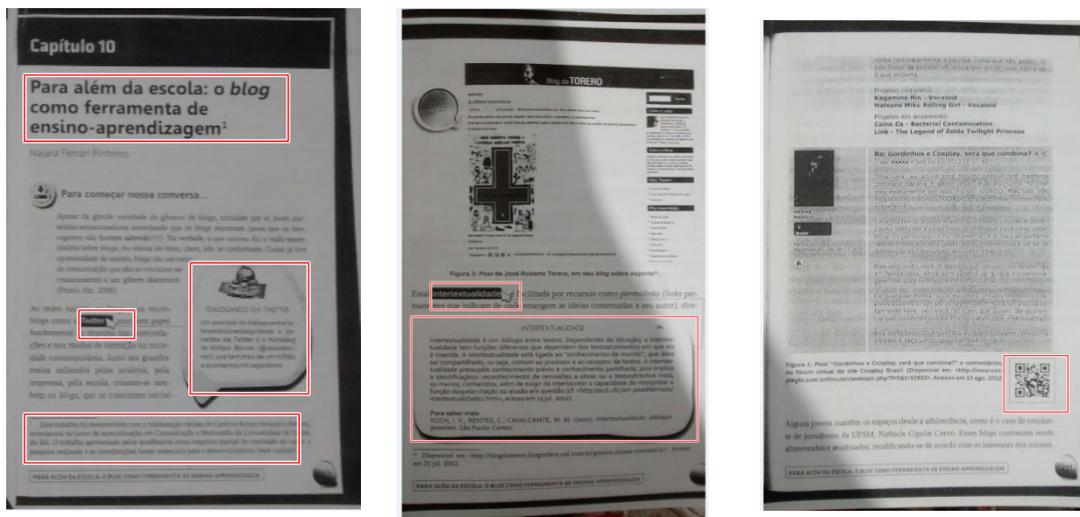


II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diversas. O blog é da Professora Andréia Motta, que além deste também possui outros blogs relacionados à língua portuguesa.

Segue algumas imagens que também explicitam a hipertextualidade no texto impresso, para isso escolhemos algumas páginas do texto, já que as outras seguiram o mesmo padrão:



Fonte: Arquivo Pessoal (destaque das folhas nosso)
Disponível em: Texto mencionado

Os termos para destaque na análise estão em vermelho. Percebe-se que as páginas imitam o layout de uma interface localizada na *web*, e também possuem *links* a exemplo dos destacados acima. Os termos negritados também funcionam como *links* que também tentam imitar a velocidade da disponibilização das informações, já que o link destacado, já nos leva, quase que imediatamente a outras informações sobre ele.

Sem falar que estes termos destacados, além de nos levar a informações nos levam a imagens de páginas da própria *web*, imitando assim a abertura de várias abas. Ainda é possível perceber a presença constante de balões de mensagens e códigos QR



CODE, códigos que são carregados de informações, acessados pelo aplicativo de celular, levando assim o leitor a pode transitar entre o meio impresso e o meio digital.

Além disto, outros elementos nos remetem a hipertextos como “[...] os links possam ser de vários tipos como notas de pé-de-página, citações, referências a outros textos e vozes, além de ícones, palavras azuis grifadas, entre outras convenções para indicar links no texto digital”. (COSCARELLI, 2009, p.554)

Cabe destacar o diálogo com outras redes sociais que o texto tenta fazer, a exemplo do *twitter*, além disso, também utiliza vocábulos e expressões típicas da web como *curtir*, *comentar*, *compartilhar* e etc. Tais situações fazem com que estudiosos, a exemplo da própria Coscarelli (2009) afirmem que todo texto é um hipertexto, e que toda leitura seria hipertextual, pois geraria associações, tomadas e retomadas. E mais uma vez percebemos o quanto é “vasto” este conceito, que atravessa as fronteiras do impresso ao eletrônico.

CONCLUSÃO

Diante das incontestáveis mudanças na sociedade, as TIDC’s redesenharam as interações sociais e interferiram de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem. O redesenho chegou as questões de letramento, modificando as formas de ler e escrever, instaurando vários conceitos como o hipertexto.

Ao perceber que as marcas de hipertextualidade não estão somente no texto virtual, é preciso repensar a ideia de hipertexto na textualidade eletrônica, não o vendo como uma ruptura em relação ao impresso, mas como sua continuidade.

Levar o leitor do impresso ao digital não pode ser caracterizado como melhoria, mas sim como um processo de evolução favorecido pelo período vívido, que abriu um leque de alternativas de leitura e escrita.

Desta maneira, as práticas de letramento são ampliadas, à medida que os gêneros vão sendo inventados e reinventados, a leitura e a escrita vão se metamorfoseando,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mostrando assim que ao surgirem novos dispositivos e suportes, os modos de ler e escrever seguem configurando-se e readaptando-se a esses novos contextos de funcionamento da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

COSCARELLI, C.V. **Textos e Hipertextos: procurando o equilíbrio**. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 549-564, set./dez. 2009.

CUSTÓDIO, M.A, 1986- Produção escrita na escola, novas tecnologias e culturas da juventude: diálogos possíveis / Melina Aparecida Custodio. -- Campinas, SP: [s.n.], 2013.

KOMESU, F. **Pensar em Hipertexto**. IN: ARAÚJO, J.C; RODRIGUES, B.B. Interação na internet: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LIMA, M.B; GRANDE, P.B. **Diferentes formas de ser mulher na Hipermídia**. IN: ROJO, R. et al (Org.). Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013.

MOTTA, R. **Conversa de Português**. Disponível em: <http://www.conversadeportugues.com.br> Acesso em: 06/07/2015

PINHEIRO, R.C. **Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos**. IN: ARAÚJO, J.C; RODRIGUES, B.B. Interação na internet: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PINHEIRO, N.F. **Para além da escola: o blog como ferramenta de ensino aprendizagem**. IN: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

RIBEIRO, A.E. **Os Hipertextos que Cristo leu**. IN: ARAÚJO, J.C; RODRIGUES, B.B. Interação na internet: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ROJO, R. et al (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R; BARBOSA. J.P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SANTAELLA, L. A ecologia pluralista das mídias locativas. Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia, v. 3,n.37. Porto Alegre: EdiPUCRS, p.20-24, 2008a. IN: ROJO, R. et al (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.

XAVIER, A.C. **Leitura, texto e Hipertexto**. IN: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C.S. Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro. Lucerna, 2004.